



# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO ESTRANGEIRO

### ASSIGNATURA

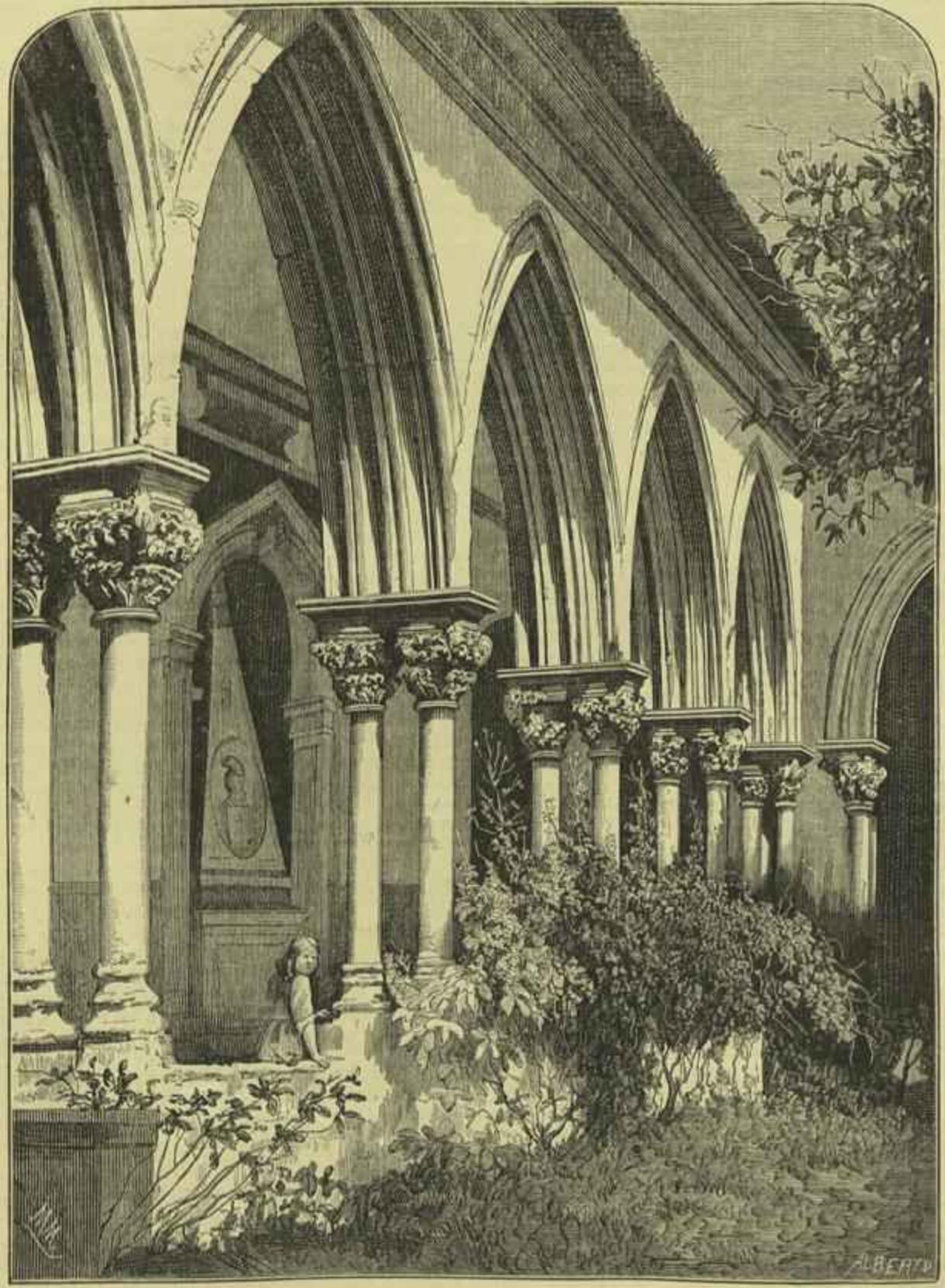
| Moda. forte                 | PORTUGAL E COLONIAS | FRANCO DE PORTO                   |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------------------|
| Anno ou 24 numeros .....    | 25000               | Trimestre ou 6 numeros .... 6650  |
| Semestre ou 12 numeros .... | 14500               | N.º avulso ou pago á entrega 6120 |
| ESTRANGEIRO                 |                     |                                   |
| Anno ou 24 numeros .....    | 35000               | Semestre ou 12 numeros .... 14500 |

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 18

15 DE SETEMBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA  
Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.  
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR    CLAUSTRO DO CEMITERIO (Segundo uma photographia)

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os últimos amores de Gótho, por D. MARIA ANAELIA VAS DE CARVALHO — As dobras gravuras — Teclado transpositor para piano, por F. BEZERRA — Typos da minha terra, por ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — Duas noivas, por JOAQUIM D'ARAUJO — Alexandre Herculano (commemoração) — Está no céu, por ALBERTO BRAGA.

**GRAVURAS.** — Claustro do cemitério, no convento de Christo — Melancholia, quadro d'Alfredo Keil — Thomas Edison — Fachada da exposição de Hespanha na rua das Nações — Aquila, yacht de recreio — Está no céu, illustração ao conto d'Alberto Braga — Teclado transpositor de Playel — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Verdadeiramente as únicas cousas grandiosas, dignas de commemoração na ultima quinzena, foram as trovoadas. Os relampagos do genio nacional são uns clarões um tanto insignificantes comparados com o esplendor d'aquelles que em grandes listrões sinistros illuminaram ha alguns dias o nosso firmamento. Comparativamente com o duelo titanico ferido nos espagos por duas tormentas que se encontravam, o proprio duelo dos dois mani-flantistas me parece um caso de magestade secundaria, pelo que eu ouse asseverar segunda vez que, tratando-se de centelhas, achei mais olimpicas as que ha dias fuzilaram no espago sobre nós, do que as que ordinariamente fuzilam debaixo dos chapens do Roxo.

Tratando-se de revelações artisticas faltaria aos deveres do meu cargo, se não commemorasse apesar de tudo, com palavras cheias de unção patriótica o apparecimento d'um novo inspirado que surge no ceu da arte nacional a tirar escalas cromaticas das pontas dos dedos.

Este anno tem sido fecundo em apparecimentos de celebridades.

Homem-Cascabel, segundo noticia um jornal, prestes a apparecer no Gymnasio.

Homem-peixe em exercicio nas provincias do norte.

Ocarinistas percorrendo terras estrangeiras.

Auctor dos sinos de pedra tangendo variações ao longe, no Minho.

Um bando de bandurristas organisando-se a toda a pressa no Porto.

Uma arvore de cera com passarinhos embalsamados, na montra do Margotteau

Regresso á patria, marcha triumphal offerecida ao sr. Presidente do Concelho por um joven amator.

E, em fim, á ultima hora, dois mani-flantistas provocando-se para um torneio amigavel, com esta profunda phrase cheia de generosidade e de philosophia, — *No campo da arte ha lugar para todos.*

Oh! arte, que devassa que tu estás! Em que rua é que moras perfida? Pois tu que tinhas um selo immaculado e casto gonde só repousavam as fronte divinas calcinadas pela febre do ideal, tu no torrão lusitano começa a facilitar-te, a ponto de te entregares ao primeiro que passa a assobiar-te debaixo da janella!

Agora comprehendo porque as pessoas circumspetas aqui te desprezam; porque tu és o terror dos chefes de familia, porque a maior parte dos homens publicos, em ouvindo fallar em ti, se fazem vermelhos em todo o cumprimento das suas orelhas particulares, mudando logo de conversa!... Sim arte, tu que lá fóra produzes tanta cousa grande, apenas hoje, entre nós, na maior parte dos casos, te manifestas por variações d'assobio, ou quando muito, por quadros em miolo de sabugo!

É verdade que assim sempre vaes ganhando para os alfinetes: mas deixa dar-te um conselho. A fim de que não envergonhes o nome de familia, em vez de te chamares Arte, chama-te qualquer outra cousa: Leopoldina, Elisa, Engracia, o nome, em fim de que gostares mais.

D'esta maneira já não haverá duvida em repetir abertamente em publico, uma phrase equivalente aquella em que eu fiz reparo....

Diga-se entretanto por uma vez; Portugal, embora alguns pragnentos queiram o contrario, é hoje o paiz da Europa em que as estatisticas accusam mais elevada percentagem de genios. Para a gente se convencer d'esta verdade basta ler os jornaes diarios. Não se passa um só dia sem que haja noticia do apparecimento de uma celebridade.

É verdade que como triste compensação, por outro lado, a leitura dos artigos de fundo leva-nos á convicção de que, depois dos genios são os saltadores os que infestam em maior numero o paiz; de forma que se hoje um estranho, ignorante dos nossos costumes, aqui viesse dar um passeio e se propozesse a julgar do nosso estado intellectual e moral pelas affirmações dos jornaes diarios, havia de admirar-se muito se visse uma pessoa que não trouxesse qualquer d'estas cousas, — uma aureola na cabeça ou uma grillheta nos pés!

Parece que n'um paiz assim os chapelheiros deviam simplesmente fazer resplendores, e os sapateiros calcetas.

Eis as conclusões tristissimas a que nos conduzem as leituras quotidianas dos nossos jornaes politicos!

— Se a arte nacional ainda por ventura tem um templo n'este paiz, esse templo representado no theatro de D. Maria II, acaba ha poucos dias de descerrar novamente as suas peizadas portas aos rarissimos adeptos da religião decrepita que n'elle se professa. O paladar depravado do nosso publico, á força de o terem embotado, vae-se tornando incapaz d'apreciar manjares delicados e leves sem que sejam acompanhados d'estimulantes que o obriguem a dar estalos com a lingua no céu da boca. Para engolir crème de baunilha é preciso polvilha-lho previamente com pimentões. Aceita Shakespeare, ou Garrett com a condicção de os intercalarem com passos de *can-can*.

É por isso que o theatro nacional vae sendo a coisa mais lugubre deste placido cantinho do mundo, tomando cada dia o aspecto mais pronunciado de um pergaminho secular que reclama o canto de um armazem para ir dormir o bolorento somno da historia.

Se amanhã qualquer de nós, eu ou o leitor, fossemos procurar expressamente algum d'esses homens d'estado que hoje presidem aos destinos da arte e da instrucção na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Belgica, na Hollanda, em Monaco, na republica de S. Marino, e lhe dissemos:

Senhor ministro: na minha terra n'este momento, os poderes publicos estão a pôr doirados e a concertar o panno de boca do theatro italiano, reservando ao mesmo tempo ao canto da magra arca do thesouro, um bonito subsidio de 20 ou 30 contos para ajudar as lindas gargantas que se inspiram ao luar das noites venezianas, a enervar e a dissolver um pouco mais a alma portugueza susceptivel de gastar sete tostões por noite. Entretanto o theatro nacional, o que deve representar uma das phases da nossa producção intellectual, o que deveria ser a escola do bom gosto publico, da distincção na palavra, nas maneiras e na *toilette*, esse não recebe nem um centil, nem um palmo de papel dourado, nem uma pincelada d'oca, concedendo-se-lhe apenas o privilegio d'explorar a depravação publica pelo carnaval.

E o ministro interrogado, recolhendo-se um momento em espirito, responder-nos-lhe simplesmente estas laconicas palavras: — Meu caro senhor, sendo assim, sou a dizer-lhe que os poderes publicos da sua terra me parece tão sómente idiotas.

A nossa fibra iminentemente patriótica, não podia deixar de estremecer com esta resposta, e n'uma explosão d'indignação justificada ninguem deixava, talvez, de responder — apoiado!

Peço desculpa ao pudor publico, de ter proferido uma expressão propria de S. Bento.

— O Chiado ia adquirindo fama de pacato. Apesar da camara o ter ladrilhado de asphalto á maneira parnasiana, não havia noticia de desvarios praticados por elle nos ultimos tempos. Começava até a inspirar confiança á virtude, a ponto de haver já donzellas que passavam sem córar por defronte da Casa Havaneza. Ha dias, porém, correu nos periodicos e nos estabelecimentos uma noticia que restabelece novamente os creditos libertinos do elegante arruamento em que o municipio da cidade reserva os seus lumaças mais florescentes.

Uma formosa condessa italianna que todos os dias de tarde fumava um bello charuto havano á janella do seu hotel n'aquella rua distincta, soprando com o mais galante impudor do mundo as brancas espiraes de fumo sobre a innocencia vestida de *percale* que se dirigia ao passeio publico, foi inexperada e delicadamente agarrada por um braço pela policia e posta no mesmo instante fóra da fronteira. A condessa, segundo as informações de alguns correspondentes de jornaes da provincia, viera a Lisboa agenciar a venda de certas cartas de *alto personagem*, o que na verdade me parece phantastico! *Cartas de alto personagem?* Ainda se fossem cartas de batota, comprehendia-se: ha por cá tanto consumo d'ellas! Mas cartas brasonadas, mysteriosas e galantes; quem compra por cá d'isso?

Duvido pois da authenticidade d'esta condessa, que me parece expressamente feita para exportação, devendo n'este caso a Alfandega, quando ella cá entrou não ter deixado de praticar a seu respeito o que geralmente se pratica para com as condessas... de verga; isto é: mandal-a abrir, fazendo-lhe despachar as cartas que contivesse dentro como objectos para serviço de *toilette*.

— Para esconjurar o virus da impiedade e da depravação que se revela em symptomas tão pronunciados, acaba o reverendissimo bispo de Lamego de tomar uma medida radical, que ataca pela base a medida das sobrecasacas do clero diocesano, decretando em pastoral alguns proceltos tendentes a pôr um freio na clerezia do bispado não só no que respeita a cadeias de relógios, que serão de futuro punidas com toda a severidade do codigo disciplinar, mas tambem nos berloques e outros excessos de um dandysmo digno da pena de excomunição maior.

Ao meditar n'aquella pastoral fica a gente convencido de que o clero de Lamego se servia das folhas do evangelho para fazer moldes, e que em vez de usar celicios usava unicamente espartilhos. O reverendo bispo procura pois fazer nas demasias de *toilette* do seu rebanho o que todos os pastores fazem, de quando em quando, ás suas ovelhas — tosquial-as.

Dê-se ás sobrecasacas do clero o tradicional feitiço canonico que realmente lhes compete e cessará a crise que n'este momento atravessam, tanto as consciencias como as fabricas de lanificios.

— As chronicas dos ultimos dias têm fallado d'um ratoneiro de Penafiel, que, roubando o milho d'um moinho, teve a cortezia de deixar em cima da mó um papel com a seguinte quadra:

«Por que a fome não tem lei  
N'este moinho eu entrei,  
Grão e farinha levei  
No outro mundo pagarei.»

Está-se roubando tanto em prosa por esse mundo fóra que devemos mencionar o grito d'alma d'este proletario illustre que em vez de sustentar a musa á custa do thesouro, a vae sustentando, como pôde, á custa dos moleiros.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## OS ÚLTIMOS AMORES DE GOETHE

IX

(Continuação do numero antecedente)

— «Não se sabe quasi nada acerca dos reis pastores.»

— «Nesse caso não pôde dizer-se que seja consideravel a acquirição.»

— «O rei Sesostris acabou a vida com as proprias mãos.»

— «Porque foi isso, meu mestre? o rei Sesostris era moço? tinha alguns amores? era ambicioso?»

«Nem a minima solução a estas perguntas.»

«Para dar uma especie de movimento áquellas rodas da antiguidade profundamente enterradas no lodo, teimo em sustentar que Sesostris havia por força de ser moço. O mestre prova-me no espaço de uma hora que Sesostris era velhissimo. No instante em que succumbo a um somno profundo chegam, uns por cima dos outros em grande confusão, Busiris, Psammeticus, Cambyzes e uma sucia de outros figurões aos quaes por fim succede Alexandre que os enterra a todos, o que me alegra infinitamente porque se acaba a interminavel lição.»

«Ora não me dizem para que se hão de remecher as cinzas frias d'onde o calor desapareceu ha tanto? Pobres monarchias seculares! Porque os não deixam dormir tranquillamente debaixo das suas pyramides? Que descancem em paz enquanto a terra faz brotar de todos os lados os seus germens de vida, e as folhas que se abrem cobrem as plantas de verdura...»

«... N'isto puz-me a olhar pela janella, para uma amendoeira em flôr e mais de vinte minutos passaram sem que eu pudesse apanhar outra coisa além d'estas palavras:

— «Foi elle quem fundou o grande imperio medo-persa.»

«Abri um bocejo enorme desenhando na margem do meu livro uma horrivel cabeça de Medusa que era sem tirar nem pôr a cabeça do meu mestre.»

«Vieram depois as ferias da Paschoa e vigorou em mim o doce habito de o não ver. Quando recommçou o açougue historico sob o titulo de *Historia da Persia*, que tormento! que historia! Um dia no meio d'aquella obra terrivel lembro-me que principiei a bocejar tanto e tão alto que o professor furioso levanta-se, escancára a porta e despede-se de mim a correr.»

«N'isto os calções prégam-se-lhe não sei aonde, abre-se n'elles um enorme rasgão, e eu vejo-me obrigada a dar ao velho em recompensa do seu catalogo de horrores, o preço das lições, e... uns calções novos.»

\* \* \*

Deante da impossibilidade de a corrigirem, Bettina tornou-se a pouco e pouco da parte da familia consternada o alvo das mais negras prophécias.

Manda a justiça que se diga que as não realison.

Ella era d'aquellas pudicas e atadas naturezas a quem o mal repugna e que não sabem sophismar o dever.

Mesmo porque o mundo do espirito lhe offerecia o amplo espaço luminoso onde ella podia seguir á vontade as evoluções e os caprichos da sua *visão interior*, desdenhava soberbamente o grosseiro mundo dos sentidos, mundo que tem limites restrictos além dos quaes ninguém pôde erguer-se, e contra os quaes muitos mutilam e quebram inutilmente as azas teimosas.

O primeiro affecto violento de Bettina foi uma amiga, uma mulher que a tarantula do suicidio tambem ferira, que o *mal de Werther* contaminára e que acabou pela morte voluntaria uma vida tranquilla a que ninguém podia antever tão negro remate.

Foi no momento em que esta catastrophe imprevisita ferio como o raio o coração de Bettina e mais lhe aggravou a exaltação morbida, revelando-lhe na paixão humana escaninhos ignorados, que ella travou conhecimento em Francfort com a *senhora conselheira* de Goethe, a mãe do celebre poeta.

Esta mãe de Goethe é uma formosa e original phisionomia muito digna de attento estudo.

Imagine-se uma figura de Holbein, serena e magestosa illuminada esplendidamente por uns olhos de creança, limpídos, brilhantes, enormes, e onde se reflectiam todos os cambiantes d'um sentir delicado e forte.

Quasi todos os homens celebres pela potencia intellectual ou moral, deveram ás primeiras inspirações maternas parte da sua grandeza originaria.

O laço physico que a natureza prendeu entre a mãe e o filho, só se quebra para deixar subsistir em seu lugar, um laço invisivel mais estreito e mais forte ainda do que elle.

Goethe foi dos que mais deveu a sua mãe.

Ella tinha como elle a comprehensão profunda de todos os seres ainda os mais oppostos e complexos, a imaginação poderosa, viva e colorida, a razão inalteravel e elevada, o que não exclue completamente aquella dose de spiritualismo, aquelle *luz transcendente* de que falla Carlyle e que sobredoura d'um modo vaporoso e vago o conjunto de idéas, de sentimento e de sensações que constitue o genio allemão.

Tinha tambem — freqüenza ou força que communicou a seu filho — superstições e presentimentos: para ella, ao lado ou acima do mundo visivel existia o invisivel, o mundo em que dominam os espiritos, o que só se revela aos videntes, e muitas vezes os acontecimentos do

primeiro se subordinavam na sua opinião ás leis mysteriosas do segundo.

Provinha-lhe d'aqui no meio do seu grande ar solemne e um pouco altivo, não sei que perfume de phantasia juvenil que a separava do vulgar, e interessava as imaginações poeticas.

E profundamente commovedora a paixão que ella sempre conservou sem quebra pelo filho, indifferente e glacial, o orgulho que tem n'elle, a maravilhosa intuição com que entende melhor que os philosophos e os criticos, o fundo do pensamento de Goethe, a esthetica da sua obra, digamol-o assim, para *germanisarmos* um tanto o nosso humilde escripto.

Para que duas pessoas cheguem a um perfeito accordo não é absolutamente necessario que tenham a mesma idade e o mesmo modo de julgar as coisas; basta que o mesmo grão de enthusiasmo lhes tenha germinado no espirito.

A velha conselheira de Goethe ligou-se a Bettina com o affecto mais sincero.

Defendia-a contra os que a censuravam ou interpertravam maldosamente, a singularidade do caracter d'ella; ouyia-a confidenciar-lhe rindo as travessuras e os estouvamentos, e em troca, exigia apenas que ella ouvisse as interminaveis historias da infancia e da mocidade do seu querido Wolfeng<sup>1</sup> e que fizesse ecco as suas admirações apaixonadas.

Nas narrações, algumas verdadeiramente interessantes da mãe idolatra, o velho pensador de Weimar desaparecia de todo, deixando em substituição, o Goethe dos vinte annos, esbelto, formoso, de ardente phantasia, e muito capaz de namorar os corações menos sensiveis, quanto mais de atear o incendio que já flamejava sem alimento, na imaginação de Bettina.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

O convento de Christo, em Thomar, a que pertence o claustro representado na nossa gravura, é um dos maiores e mais sumptuosos edificios do nosso paiz. É obra d'el-rei D. João III a parte principal d'elle. Seu neto el-rei D. Sebastião e os tres Filippes de Castella accrescentaram-n'o bastante. É grandiosa a todos os respeitoes, pela solidez, pela magestade e pela nobreza architectonica a fachada principal do edificio. Não obstante em razão de ter sido levantado em diversos periodos e sob a direcção de diversos architectos, não apresenta a unidade que é a primeira condição de belleza.

A historia d'este convento e a do historico castello de Gualdim Paes, anda escripta em livros de nomeada, por penas eruditas como a do sr. Vilhena Barboza. Hoje dando no Occidente a reproducção de um simples detalhe d'essa construcção grandiosa, ainda não consagrado pela gravura, apenas nos cabe especialisar os claustros.

O convento de Christo é entre todos os de Portugal o que encerra mais claustros, pois contem nada menos de oito, offerecendo aos curiosos d'architetura, specimens dos estylos que predominaram em diferentes epochas da nossa historia. Encontram-se ali variadissimos typos, desde o renascimento até á plena florescencia da arte christã.

Temos primeiro, junto á capella-mór, um claustro pequeno de solida construcção, desataviada de adornos, com um cunho d'antiguidade que se denuncia aos mais inexperientes: é provavel que seja da primeira fundação dos templarios.

Ha mais dois, fundação do infante D. Henrique, um dos quaes se acha presentemente em ruinas, attestando o brutal vandalismo que em certo periodo accommetteu todos os monumentos do nosso paiz, e outro chamado do *Cemiterio* que constitue o assumpto da nossa gravura.

O claustro chamado de *Santa Barbara* é fundação d'el-rei D. Manuel. É pequeno mas excellente como typo d'architetura gothica. Contiguo a este ha outro mais vasto mas sem bellezas que o distingam. E o claustro chamado dos *Corvos*, em estylo pesado e sem feição. O claustro chamado do *Mizo*, apenas é notavel por deitarem para um dos seus lanços superiores os portaes das salas em que, seguindo a opinião de varios chronistas, se reuniram os tres estados do reino convocados por Philippe II de Castella no anno de 1581.

O ultimo claustro, na ordem chronologica, denominado dos *Filippes*, é de certo o primeiro d'entre todos pela sumptuosidade e pela grandeza. Nota-se-lhe talvez uma certa exuberancia d'ornamentação, certa multiplicidade de columnas, o que todavia não impede, ou que por outro lado talvez concorra para que seja a mais rica e a mais formosa obra d'architetura que o renascimento produziu entre nós.

O claustro do *Cemiterio* representado na nossa primeira pagina, denomina-se assim por ter servido para n'elle se sepultarem os freires de Christo.

É um dos bellos typos de architetura que hoje se admiram no nosso paiz. Tem uma só galeria de quatro lanços com arcos ogivales, sustentados por columnas duplas, delgadas, rematando em elegantes capiteis que caracterizam o estylo gothico-bisantino d'esta construcção magestosa.

<sup>1</sup> Nome proprio de Goethe.

No lanço das galerias d'este claustro acham-se abertos nas paredes alguns mausoléus, e entre elles o mais notavel decerto é o que encerra os restos de D. Diogo da Gama esmolero d'el-rei D. Manuel, fallecido em 1523. Proximo d'este tumulo abre-se um portal que dá entrada para uma grande casa que se supõe construida pelo infante D. Henrique para casa do capitulo, achando-se actualmente convertida em capella, decorada com pinturas e esculpturas douradas.

A todos os respeitos o velho castello de Gualdim Paes, ou o convento de Christo, é um monumento soberbo, digno de ser reproduzido pelo lapis do desenhador, e successivamente iremos dando no OCCIDENTE algumas gravuras das suas dependencias menos conhecidas e mais dignas de admiração.

#### MELANCHOLIA

O assumpto d'este quadro que actualmente se acha exposto na secção portugueza, na exposição de Paris, é extremamente simples. Uma joven castellã do seculo XVI espera no terraço do seu castello, ou *alcova*, o regresso d'alguem: provavelmente do seu desposado que a longes terras foi naturalmente pleitejar com os inimigos da cruz. A tarde vae descaindo e a melodia plangente que a donzella soltou ha pouco do seu bandolim esmoreceu com os alvares do dia, deixando aquella alma ainda mais abysmada nos effluvios da tristeza.

A parte o romantismo da concepção, um pouco estafada já; e tratando simplesmente da execução, diremos que a figura traduz bem pela expressão a intenção do pintor. Keil, como se vê por este quadro, é tambem pintor figurista, não restringindo o seu talento ao molde estreito da especialidade, e preferindo atacar diversos ramos na intenção d'alargar assim os seus conhecimentos de desenho, evitando uma falta na direcção d'estudos, praticada mesmo por muitos artistas eminentes. Os seus quadros de figura teem sido até hoje mais tentativas do que outra coisa, entretanto é de notar que o estylo do pintor se vae formando dia a dia, não o assustando já as difficuldades do processo nem da execução material.

Pela sua pronunciada aptidão o auctor da *Melancholia* deve tentar composições de mais alcance e de mais largo folego. A nossa historia, os nossos costumes, os nossos ridiculos nacionaes, são um manancial fertil e ainda não explorado, a bem dizer, pela arte nacional, e que pôde inspirar obras, que estabelecem verdadeira affinidade entre o artista e o publico. Sobre tudo aos homens de talento

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878

### SECÇÃO PORTUGUEZA DE BELLAS ARTES



MELANCHOLIA — QUADRO DE ALFREDO KEIL. (Segunda um desenho do auctor)



O INVENTOR THOMAZ EDISON

corre o dever imperiterivel, de pôr todos os seus esforços ao serviço d'esta idéa — depois de estudar a arte universal, procurar fazer a arte nacional, como acontece hoje na Inglaterra, na Alemanha na Suecia, na Dinamarca, e em tantas outras nações que ainda ha pouco se inspiravam nas tradições alheias, mas que já hoje teem uma arte propriamente sua.

#### O INVENTOR THOMAZ EDISON

Edison nasceu em fevereiro de 1847, de paes pobres que exerciam a profissão de agricultores em Milan, nos estados de Ohio na America do Norte.

Apenas recebeu a educação das escolas primarias, sendo obrigado desde a idade dos onze annos, para se sustentar, a fazer-se vendedor de jornaes a bordo de vapores e nos caminhos de ferro.

Depois de exercer este commercio alguns annos teve uma idéa verdadeiramente americana. Em vez de serem outros que enchessem os papeis que vendia, lembrou-se de os escrever elle mesmo por sua conta, passando a ser redactor d'um pequeno jornal que compunha e imprimia, por processos extremamente simples visto não ter meios para montar uma grande officina.

Esta especulação original teve certo successo, e Edison conseguiu em breve chegar a uma tiragem semanal de 700 numeros do seu periodico.

Mas caindo no erro de publicar uma historia scandalosa de certa dama muito conhecida na região em que vendia a sua folha, soffreu uma pena que o obrigou a renunciar á industria do jornalismo.

Edison fez-se então telegraphista e entrou para uma das estações circumvisinhas na qualidade d'encarregado do serviço da noite.

O exame das maravilhas da electricidade foram como que um relampago para o seu genio inventivo. Propoz logo ao chefe construir um apparelho que permittiria com o emprego de um só fio transmitir simultaneamente um despacho em cada sentido.

O chefe acreditou que o seu empregado tinha simplesmente endoudecido, e temendo algum acto de loucura compromettedor, despediu-o do serviço.

Esta descoberta foi depois roubada por um personagem que tirou privilegio d'invenção em seu nome, e embora Edison reclamasse, tudo foi inutil. Continuou a exercer o simples emprego de telegraphista.

O caso entretanto fizera ruído, em consequencia do que Edison achou meio de convencer o seu novo chefe de haver descoberto um excellent meio de fazer com que dois trens se communicassem

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DE HESPAÑHA NA RUA DAS NAÇÕES (Segundo uma photographia enviada de Paris)

um com o outro. As experiencias, mal dirigidas, deram unicamente logar a um choque de combolo com graves consequencias. Edison tomou o expediente de fugir.

Apezar d'uma estreia tão pouco auspiciosa, Edison não desanimou, continuando a produzir invenções sobre invenções. Seria preciso escrever um volume para acompanhar o engenhoso americano na sua carreira assombrosa. Simplesmente diremos que elle possui actualmente em Manloo-Park um laboratorio em que doze operarios especiaes estão empregados na execução pratica dos seus inventos constantes.

Edison está contratado pela companhia telegraphica do Western Union, que lhe paga um salario de 100 dollars por semana a fim de unicamente ter a preferencia na compra das suas invenções electricas segundo o preço fixado por um arbitro. Se a companhia renuncia

a explorar este direito, Edison tem a liberdade de o explorar directamente.

E assim que elle ficou proprietario da invenção da penna electrica que ultimamente tanta admiração causou na exposição de Paris. Em

quanto ao phonographo, como n'este instrumento não havia o emprego da electricidade, a companhia nada teve que ver com elle.

A ultima descoberta de Edison consiste n'um instrumento chamado *micro-tasimetro* que permite muitas determinações com relação ao calor da luz solar, que os physicos ha tres mezes apenas não esperavam realisar um dia.

Eis aqui os principaes traços d'esse creador excepcional, producto genuino das forças excepcionalmente creadoras da grande republica americana.

## O AQUILA

O Aquila é o maior e mais formoso barco de re-



O AQUILA, YACHT DE RECREIO DO SR. BARÃO DE FONTE BELLA (JACYNTO) (Desenho do natural por J. Pedrom)

creio que presentemente navega com bandeira portugueza. É propriedade do sr. barão da Fonte Bella, e foi lançado ao mar ha pouco mais d'um anno dos estaleiros d'uma das ilhas do archipelago açoriano — em S. Miguel.

O casco d'esta embarcação que mede 133 toneladas, é de elegantissimas formas e está trabalhado com todo o esmero. A popa e a proa são riscadas em airozas curvas, e quando a pequena embarcação solta ao vento as suas enormes vellas firmadas em dois mastros levantados ao centro do navio, velejando á bolina, rasgando com a proa o seio das aguas e deixando atraz de si uma grande esteira d'espuma, o *Aquila* justifica perfeitamente o seu nome de baptismo semelliando-se a uma grande ave que voa a flor das ondas, comprazendo-se na tempestade e atravessando n'um impeto d'um mar a outro mar.

O convex d'este barco está preparado com todo o primôr d'uma sala de haile. Madeira, costuras, ornamentação tudo é da melhor qualidade e feição, denunciando o bom gosto d'um homem afeiçoado aos primores e ás elegancias do alto *Sport*. As pequeninas camaras, communicando-se entre si, são de magnifica apparencia. A bordo ha o *comfortable* que caracteriza estas alegres habitações fluctuantes. Desde a mobilia até á distribuição do ar e de luz, tudo é disposto com a mais extrema distincção e o maior cuidado.

O *Aquila* saiu do Havre ha um mez. Acoçado por um grande temporal arribou a Falmouth aonde permaneceu 11 dias. Fazendo-se depois ao mar, esteve 6 dias de capa, augmentando-se perfeitamente nos vascos das ondas, e entrando na Corunha d'onde ha dias seguiu para a ilha de S. Miguel.

Á maneira d'um fino cavallo de raça; dirigido por um braço experimentado, guiado por um marinheiro intelligente, corajoso, moço, que sabe estar no oceano como n'um salão, o *Aquila* mantem as tradições maritimas do heroísmo portuguez, e entre o *Sport* naval que hoje faz o longo curso dos mares é o unico que faz tremular ao vento a bandeira das quinas.

Em Cascaes aonde o *Aquila* esteve o anno passado, e aonde recebeu a visita de el-rei o sr. D. Luiz, todos poderam admirar este formoso barquinho. Os que então não lograram avistalo tem hoje occasião de o fazer, olhando a pagina do OCCIDENTE aonde elle com todo o panno largo vae cortando a extensão dos mares.

#### A FACHADA DA EXPOSIÇÃO DE HESPAÑHA NA RUA DAS NAÇÕES

Esta fachada representa um specimen da architectura oriental. É, conforme se vê da nossa gravura, extremamente caracteristica. Construida no estylo da Alhambra, apresenta, um conjunto de bellezas como que nascidas da opulencia d'um sonho arabe. As tradições poeticas da Hespanha acham-se traduzidas nos rendilhados d'esse monumento, da mesma forma que na fachada Manuelina de Portugal estão representadas as tradições mais gloriosas do nosso paiz.

A fachada hespanhola mede 33 metros de comprimento, e o edificio contém muitas salas aonde se acham expostos diversissimos objectos de luxo, que são o encanto dos visitantes.

Foi o architecto hespanhol Ortiz Willejos que levou a cabo a construcção d'esta elegante obra.

## TECLADO TRANSPOSITOR PARA PIANO

DE PLEYEL, WOLFF & C.<sup>a</sup>

Representa a gravura junta um mechanismo que tem por fim permittir, ao tocador de piano, transportar, a musica que quer executar, para qualquer tom, por uma disposição mechanica, continuando o artista a tocar com os dedos nas teclas como se não mudasse de tom.

É sabido que no piano os sons são produzidos pela percussão das cordas; as teclas, correspondentes ás diversas notas, e sobre as quaes o tocador apoia os dedos, abaixando-se, fazem, por meio de uma combinação de alavancas, que uns martellos percussam as respectivas cordas, de cuja vibração resultam então os sons. Se, por exemplo, o tocador quizer executar um motivo, meio tom mais alto, em lugar de um *sol* natural, deverá dar um *sol* sustenido, em lugar de um *do* natural um *do* sustenido, etc.; para isso terá de apoiar os dedos sobre as teclas que estão immediatamente á direita das correspondentes ás notas que se acham na musica a executar. O teclado transpositor, que aqui descrevemos, dispensa a attenção e a pratica necessarias para obter aquelle resultado pelo modo ordinario.



Compõe-se o mechanismo de um teclado como o ordinario de um piano, que se colloca sobre um supporte com cremalheira de metal, fazendo coincidir a sua extremidade direita com um traço branco a all indicado, ficando assim um segundo teclado, cobrindo o teclado ordinario do piano. N'esta posição se o artista tocar sobre o teclado superior,

as teclas em que elle apoiar os dedos fazem, por meio de botões, descer as correspondentes do teclado inferior que é o proprio do instrumento, de modo que tocando o executante, por exemplo, nas teclas, *la, si, do*, etc., do teclado superior, funcionam respectivamente as teclas *la, si, do*, etc., do teclado inferior ou proprio do piano.

Querendo, porém, transpor, por exemplo, meio tom acima, não ha mais do que fazer andar o teclado do transpositor para a direita uma das divisões *d* marcadas ao lado do traço branco inicial; n'este caso a tecla superior do *la* natural vae apoiar sobre a tecla do *la* sustenido ou *si bemol* do teclado inferior, a do *do* natural sobre a do *do* sustenido, etc.; então continuando o artista a tocar sobre o teclado do transpositor do mesmo modo que se não quizesse transpor, o motivo será comtudo tocado no teclado inferior meio tom acima. Se se quizesse transpor um tom para cima, dever-se-ia andar com o teclado do transpositor duas divisões *d* para a direita, porque então viria a corresponder a tecla do *la* natural do teclado superior á tecla do *si* natural do teclado inferior ou proprio do piano, etc. Para baixar o tom impelle-se o teclado do transpositor para a esquerda. Emfim, anda-se com o transpositor para a direita ou esquerda, tantas divisões, quantos os meios tons de que se quer transportar para cima ou para baixo, a musica que se pretende executar, e que se tocará no teclado superior como se não se transportasse.

O aparelho applica-se sobre o teclado de qualquer piano. O numero de teclas do transpositor é inferior ao do teclado proprio do instrumento, para o teclado do primeiro poder correr para a direita ou para a esquerda; basta, porém, geralmente, que tenha menos quatro ou cinco de cada lado correspondendo a dois tons ou dois tons e meio para cima ou para baixo, pois que, em geral, não ha que transportar mais de dois tons e meio.

F. BENEVIDES.

## TYPOS DA MINHA TERRA

### O RATOLA

Eu tive por professor de instrucção primaria um homem, que, na sua humilde qualidade de professor de crianças, era o espirito mais lucidamente sensato, mais virginalmente bondoso e mais simples e modestamente austero, que tenho conhecido.

Só muito tarde, quando o desenvolvimento intellectual me levou a reflectir nas extraordinarias qualidades moraes d'este homem, é que reconheci o alto valor de tão raro espirito, obscuramente votado ao mister de ensinar crianças.

Ha poucas pessoas no districto de Aveiro que não ouvissem fallar d'este singular professor. Chamava-se Francisco Simões Ratola, e vivia n'uma pequena aldeia, o Bom-Successo, a tres kilometros de Ilhavo, onde vinha todos os dias dar lição aos seus alumnos. Estes, quando o tempo o permittia, iam quasi sempre, em alegre bando, esperal-o ao caminho e saudavam o seu apparecimento com grandes expansões de alegria e de respeito infantil. O professor, do alto da sua velha egua, d'uma antiga tristeza romantica, abafada por um enorme albardão coberto com uma pelle de cabra, d'onde pendiam uns estribos de panno nacionaes e anchos, de ferragens em arabescos, agradecia com um claro sorriso estas provas de sympathia e caminhava para a escola com a manifesta satisfação de se vêr assim estimado e querido, por quem de ordinario vota aos mestres um tedio profundo, quando não é um horror justificado.

Francisco Simões Ratola era, ao tempo que eu o conheci, um homem de 55 a 60 annos, de estatura regular, direito, moreno, com umas pequenas suissas russas e um pouco cerimoniosas de lavrador respeitado, com uma calva correcta e bem trabalhada, usando sempre chapéu alto, ao qual o tempo e a escova tinham dado o tom acastanhado e o encrespado do pello d'um velho rato de agua, calças de saragoça curtas e estreitas, casaco de cinta da mesma fazenda, collete de cotim escuro com botões de vidro azul, botins de cano, grossos, amplos e solidos como os de um antigo voluntario da rainha em dias de revista. Na physionomia aberta e sympathica d'este homem transluzia toda a ingenua bondade do seu espirito. Infundia o respeito affectuoso que nos infunde um pae.

Era acciado e limpo como uma mulher elegante; a sua roupa não tinha uma nodoa, a lama dos caminhos não lhe salpitava as botas, nem lhe espirrava para as calças; as suas unhas eram transparentes e luzidias como as do abbade Aramis, e a sua tez morena e sadia tinha aquelle brilho igual e nada untuoso, peculiar ás pessoas acedadas e energicas.

Era elle que talhava e fazia toda a sua roupa, nos seus dias feriados; elle que concertava as suas botas, que as engraxava, que cavava o seu quintal, que podava a sua parreira, que sachava o seu vilho, que regava a sua horta e que até fazia os seus palitos dos dentes, em quanto as crianças lhe liam um trecho do *Monteverde* ou lhe recitavam, cantando em côro, algumas estancias de *Camões*.

Ratola tinha um fraco, o unico que lhe conheci: detestava as pennas metalicas, então chamadas pennas d'aco; a sua penna era a penna de pato que impunha despoticamente a todos os seus discipulos e cuja aparadela elle elevava á altura de quasi uma sciencia. No resto um excellento homem e um espirito elevado, reflectido e sensato como o de um philosopho.

A primeira obrigação que Ratola impunha às crianças era os seus hábitos de limpeza e de azeite. Antes de entrarmos para a escola mandava-nos formar em linha de revista, por ordem de adiantamento, da esquerda para a direita. Depois de formados, o alumno da extrema esquerda da fila, o mais adiantado, saía para a frente d'ella e começava a examinar alumno por alumno com toda a minuciosidade: olhos, orelhas, cara, nariz, pescoço, mãos e unhas. Em qualquer d'estas coisas estando sujas, o alumno era mandado vergonhosamente lavar-se à fonte da Barroca, a alguns passos da escola, e ameaçado com duas *batas* no caso de reincidência. A revista porém não se limitava à limpeza da carne, ia até à roupa. Ihavo é uma villa d'uma população enorme, mas pobríssima, porque é quasi toda de pescadores. A maior parte dos meus condiscipulos andavam por isso descalços no verão e de tamancos no inverno; no verão com aquelle trajo tão pittoresco e tão simples das suas largas seroulas de panno-cru bem lavado e bem alvo, camisa apertada na cinta pelas cecoulas, que apenas dão pelo joelho, e barrete preto ou branco de lã; no inverno de calças de saragoça, tamancos e gabão, o característico gabão ilhavense. Era preciso porém que tudo isto andasse limpo, concertado e que lhe não faltasse um botão.

Entre as cousas originaes — para aquelle tempo e em Portugal — que tinha o meu professor era ensinar geographia às crianças. Sim, havia em Portugal, ha 28 annos, um ignorado professor de instrução primaria que ensinava geographia aos seus pequenos discipulos. A terra era uma laranja; o seu eixo dois palitos espetados na direcção do seu menor diametro, e o sol um pavio de cera acceso, que elle collocava sobre a mesa com certa solemnidade. Os meridianos e os parallelos eram riscados a tinta de escrever na casca da laranja, assim como o contorno mais ou menos infiel dos continentes.

Começava a explicação da cousa. Todos nós, para quem estas prelecções tinham um singular encanto, eramos olhos e ouvidos. O silencio da aula era apenas interrompido de quando em quando pelo chiar monotonico e alto de algum carro de milho que passava no caminho. O professor tomava a terra pelo seu eixo, como Micromegas, entre os pollegares e os indicadores, erguia uma das mãos acima da outra para que esse eixo não ficasse de nivel, e fazia girar a terra defronte do sol, que ardia pacificamente sobre a mesa fazendo notar às crianças a superficie que n'este movimento ia sendo successivamente illuminada e a que successivamente passava para a obscuridade. Algumas palavras simples e comprehensíveis completavam a explicação do phenomeno.

Aprendiamos tambem a medir os versos de Camões, recitando-os em côro n'uma melopeia cadenciada e larga, a que não resistia um verso frouxo ou duro. A taboada era decorada por um processo semelhante, repetindo todos os alumnos em côro o que um d'elles, mais adiantado dizia recitando-a.

A feição porém mais dominante e mais amoravel d'este homem era a sua inextinguivel docura de caracter, a sua bondade cheia de bom senso e de alegria.

Não ha memoria de um condiscipulo meu ter sido castigado com quatro palmatoadas: apenas um unico soffreu esse castigo, mas à quarta palmatoada os olhos do Ratola humedeceram-se de lagrimas e elle atirou nervoso e convulso com a palmatoria para cima da mesa, evidentemente mais zangado consigo proprio do que com o alumno que castigava.

Uma occasião, quando eu já tinha feito o meu benevolo exame de latim, fui visitar à sua escola o meu antigo professor de primeiras letras. Depois dos seus cumprimentos affectuosos e paternaes, viemos conversar para a porta. Ratola ficou casualmente voltado para o sol, que dando-lhe nos botões de vidro azul do collete, enviava para uma das paredes interiores da escola uns reflexos scintillantes e phantasticos. Com os movimentos dados ao corpo pela conversação esses reflexos tinham umas oscillações rapidas e caprichosas, que eram o encanto da rapaziada que enchia a aula e que se poz logo em alegre desordem perseguindo esses reflexos. Eu fui o primeiro a dar pela desordem e dando-me uns ridiculos ares de sujeito, que já fizera exame de latim, avisei d'ella com um signal o meu antigo mestre. Este viu do que se tratava... e começou a agitar mais o corpo com a conversação para que os reflexos tivessem mais phantasticos movimentos, como se não percebesse a minha denuncia.

No caminho de casa reflecti que recebera mais uma lição de bom senso do meu velho professor.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

## DUAS NOIVAS

DE CAMPOAMOR

Os desposados soror Luz olhando,  
Junto ao festivo altar,  
— «Que noivo tão formoso! diz anelando,  
Mas o meu não tem par.

E nos olhos da noiva irradiava  
Um sorriso de luz,  
Emquanto melancolica chorava  
A esposa de Jesus.

Lisboa, 1878.

JOAQUIM D'ANAUJO.

## ALEXANDRE HERCULANO

(COMMEMORAÇÃO)

Acaba de fazer um anno que se desprende do involucro material que o prendia à terra, o maior espirito de que Portugal se orgulha nos tempos modernos. Na decadencia moral da nossa epocha, e da nossa sociedade, Alexandre Herculano planeava sobranceiro e austero como o vulto d'um gigante a cima dos estreitos preconceitos e dos mesquinhos interesses do mundo que o cercava. A sua figura tinha a sobria magestade dos heroes antigos. Era um dos *homens* de Plutarcho, transviado n'um mundo egoista e decrepito, a cujos debates e a cujas paixões o seu valoroso espirito teve, sobre todas, a rara virtude de se conservar estranho. A sua isenção nos negocios publicos teve a significação d'um protesto, o seu procedimento moral a significação d'um exemplo.

Os cadaveres gloriosos como este não arrefecem nunca. São illuminados e aquecidos pela propria luz que de si irradiaram em vida. Em volta d'Alexandre Herculano morto, conservam-se sempre accesos os rutilantes fachos que só esclarecem a estrada da gloria. Estes fachos são as suas obras. Sobre aquella sepultura modesta sentou-se uma madona austera e radiante como as grandes creações biblicas, tendo cravada na frente uma constellação de brilho incomparavel, que, por mais trevas que se façam em derredor, deixará sempre ver ao longe a alvura radiante d'um tumulo glorioso.

É a *Historia*, a *Historia* feita de auroras e de relampagos, que Herculano desentranhou dos recessos mais obscuros dos tempos, como o diamante das camadas mais fundas dos abysmos, e que permanecerá como um astro de primeira grandeza, assignatando a jazida do mineiro heroico que a depurou das escuridões da noite.

Os vultos como os d'Herculano ainda que realmente caíam na solidão do tumulo, por um prodigio d'optica espirital veem-se sempre de pé.

As estatuas dos reis e dos imperadores para parecerem altas collocam-se sobre grandes pedestaes. As figuras dos homens como aquelle, mesmo de pé, no chão, topetam com as nuvens. Não precisam de que as façam de bronze: ficam feitas d'espirito que é um metal que resiste muito mais à acção dos tempos e à voragem das revoluções. Em volta d'elles em vez dos symbolos da realza e das alegorias do poder levantam-se, talhadas n'um marmore candido como o luar, as estatuas das suas creações immortaes. Os vultos d'Hermengarda e do Eurico reduzidos a fórmas materiaes e tangiveis podiam ficar bem entre as estatuas collossaes de Miguel Angelo.

Um monumento assim é perduravel; não ha tufões nem cataclismos que o derrubem. Impõe-se à indifferença dos homens e peza nos destinos das nações, como uma grande mole de bronze. De Portugal, por exemplo, o que é que se avista hoje lá fóra? O vulto de Camões. No congresso intellectual dos povos os *Luziadas* são a nossa primeira carta d'apresentação. Tirando-nos vinte monarchas da nossa historia podemos ficar como somos; tirando-nos os *Luziadas* apenas, ficamos amputados.

À porporção que o nosso espirito e o nosso caracter forem diminuindo a estatura d'Herculano irá augmentando. Quanto mais recuar na historia de mais perto será vista. Se crescermos em grandeza crescerá commosco. Somente nós podemos passar, elle porém ficará.

Alexandre Herculano não representa só uma gloria, representa tambem um exemplo, de preserverança, de valor, de dignidade, de despreendimento. Numa epocha em que as convicções e as crenças do maior numero se acham como que expostas n'um immenso bazar ao lanço dos afortunados, consola ainda contemplar o sereno vulto d'um heroé, de pé, no meio da tavolagem dos interesses, conservando a nitidez de contornos caracteristica d'aquellas grandes figuras romanas, que mantinham sempre toda a sua olimpica serenidade sobre depressão geral do meio em que viveram.

Expirou ha um anno, e desde então o seu nome começou a viver uma vida mais intensa n'uma esphera superior mais illuminada. O novo volume do *Boho*, recentemente publicado, traz-nos novas palavras do mestre, tocadas d'aquella sobria eloquencia que assignala a voz da sabedoria. No meio da descrença e do enervamento assustador do nosso tempo, o seu olhar cae das alturas como um raio consolador e fecundo, que liga por um momento os homens n'aquella communitade de interesses espirituaes que faz a alma humana solidaria.

O dia 13 de setembro deve ser destinado a uma significativa romaria, que póde, para as almas piedosas e simples, ser ao templo da oração, mas que para as consciencias varonis e justas, deve ser a recordação do seu nome e à memoria das suas acções e das suas obras.

Devem-se ouvir-se as missas, e ao mesmo tempo os seus conselhos. A estatua de Herculano, por levantar nas praças publicas, deve estar erguida na alma popular, e no dia em que fivessemos a certeza absoluta de que da consciencia nacional se tinham apagado os contornos d'aquella figura austera, as missas que hoje são ditas por sua intenção deviam ser ditas pela nossa. Cumpre-nos pelo menos dar-lhe em respeito o que não lhe podemos dar em bronze.

O OCCIDENTE iniciou, por assim dizer, a sua existencia sob o patrocínio moral da figura austera que illumina a primeira pagina do seu primeiro numero. Na intenção que dita hoje estas palavras está a maior homenagem ao espirito sobrevivido d'aquelle morto immortal.

A REDACÇÃO.

## ESTÁ NO CÉO!

Um sargento de atiradores, que, desde a madrugada, tinha percorrido oito leguas, a pé, sem descansar, entrou n'uma taberna que ficava á beira da estrada, e perguntou se era por ali que morava Maria La Courdaye.

O taberneiro descobriu-se respeitosa e deante do soldado, e, saindo á porta, estendeu o braço, e indicou-lhe:

— É ali, do lado direito. Abra uma cancella e entre.

— Obrigado! Boa noite! agradeceu o militar. E dirigiu-se apressadamente para lá.

No muro da estrada havia uma cancella de pau; e aberta a cancella, atravessando-se por um caminho assombreado de algumas arvores frondentes, via-se ao fundo a modesta casinha branca, escondida, entre a verde ramaria de uns carvalhos.

Tinha ao lado uma leirita plantada de hortá; e, á sombra de um choupo, mais no fundo, uma pia de pedra, onde murmurava uma veia de agua muito crystalina. Do esgalho de uma arvore prendia-se ao tronco de outra uma corda, estendidas na qual alvejavam, expostas á luz perpendicular do sol do meio-dia, umas roupinhas brancas de creança. No cunhal da casa havia uma parreira, que subia encostada á parede, com as suas largas folhas de um verde tenro, d'entre as quaes pendiam os cachos escuros com os bagos cobertos do pó luzente e subtil das estradas. Da chaminé desenrolava-se serenamente uma espiral branca de fumo, que se expandia pelo ar, em nuvensinhas turbinosas. A casinha branca, de um só andar, apparecia encastoadada no fundo escuro de uma collina. E no cabeço do outeiro, a espessura immovel e macia de um pinheiral fechava o horisonte, como um largo reposteiro de velludo verde.

N'essa casa vivia uma formosa mulher na companhia de dois filhos.

Coitadita da pobre! Ficava viuva aos vinte e cinco annos e com dois filhinhos, que eram o seu encanto. O mais velho tinha sete annos e chamava-se Miguel, que era o nome do pae; o mais pequenino, contava apenas onze mezes, e tinha nascido pouco depois que o pae partiu para a terrivel guerra da Criméa.

De uma vez, depois de cearem, a mãe, para que o Miguel não fizesse bulha e acordasse o menino, chamou-o para ao pé de si, abriu a carta geographica, e disse-lhe:

— Olha, meu filho, onde está o teu querido papá?

O pequenito abriu muito os olhos, e respondeu a sorrir:

— Na guerra! Pum! Pum!

— Anda ver onde elle está.

E, pegando-lhe na mãosinha, fechou-lhe os tres dedos mais pequenos, estendeu-lhe o indicador, e foi-lh'o levando por todas as terras por onde o pae tinha seguido. O dedo da creança ia subindo montanhas, descendo aos valles, atravessando as planicies, costeando pelo litoral e cortando o mar. O pequeno balbuciava todos os nomes que a mãe proferia. Quando chegou á Criméa parou. Ergueu a sua cabecinha loura, e levantou os olhos para a luz do candieiro, a vêr se elle lhe fazia a mercê de o alumiar bem. Depois levou a mão ao abat-jour e tirou-o para o lado.

— Deixa o candieiro, meu filho.

— Ora, ora, exclamou o Miguel, fazendo biquinho.

— Deixa, meu filho, pedía a mãe.

— Eu quero vêr o papá.

E debruçou-se outra vez sobre a carta, a procurar com o olhar investigador um ponto qualquer.

A mãe, n'esse instante, com o mais novinho adormecido nos braços, olhou para o crucifixo, que tinha pendurado á cabeceira, e principiou a rezar baixinho, com duas grossas lagrimas a tremerem-lhe á flor das palpebras.

— Está aqui o papá? perguntou o Miguel.

— Está, meu filho, está.

— Na guerra?

— Sim, meu rico amor, na guerra.

O Miguel ficou pasmado a olhar para a Criméa, e exclamou:

— Eu quero ir á guerra dar um beijo ao papá.

— Oh! meu filho!



... ESTÁ NO CÉO!

(Illustração de M. de Macedo ao conto de Alberto Braga)

— O que é a guerra, mamã?

— Não sei, Miguel. O teu papá, quando vier ha de contar-nos, sim?

No dia seguinte, logo depois da ceia, quando o menino já dormia no regaço da mãe, o Miguel pediu:

— Eu quero ver outra vez o papá.

E foi procurando, pouco a pouco, pelo mappa. Assim que apontou a Criméa, exclamou radiante:

— Ah! aqui está elle!

E depois, no outro dia, logo á bôca da noite, bateram apressadamente á porta. Quem seria, Jesus? A mãe do Miguel até tremeu. Pegou na creancinha e foi vêr quem era. O Miguel — aquillo era já um homem ás direitas! — ia ao lado da mãe, segurando-se-lhe a uma das pregas do vestido.

— Ha de ser o papá; disse elle.

Abriu-se a porta, e no fundo estrellado da noite, sobresaiu a elevada corpulencia de um soldado. A claridade do luar batia-lhe em cheio no rosto avincado da fadiga e queimado do sol, com grandes bigodes espessos. Os botões da fardeta reluziam.

— É aqui que mora a sr.<sup>a</sup> Maria La Courdaye? perguntou elle, enxugando ao canhão o suor copioso que lhe escorria na testa.

— Sou eu, respondeu a mãe do Miguel.

— É a mulher do Miguel La Courdaye?

— É o papá, disse do lado o pequenito, fitando o soldado com os seus grandes olhos azues.

— Pois, senhora...

O soldado olhou em redor, perturbado, afflicto, e continuou:

— Pois o Miguel, o 26 dos atiradores, o meu querido e bravo camarada...

— Hein? balbuciou a pobre mulher.

O sargento apontou com o indicador para o céu, e, aproximando-se da porta, terminou:

— Morreu!

E deitou a correr pela estrada fóra, porque não tinha coragem de assistir áquelle lance angustioso. Não tinha animo, elle, que, no calor da refrega, affrontára os maiores perigos!

Depois da ceia, o Miguel quiz ainda ver o seu papá. Abriu o mappa, e quando chegou á Criméa, disse:

— Eh! aqui está elle!

— Já não está, meu filho; respondeu-lhe a mãe a chorar.

O pequenito olhou para ella, e perguntou:

— Então?

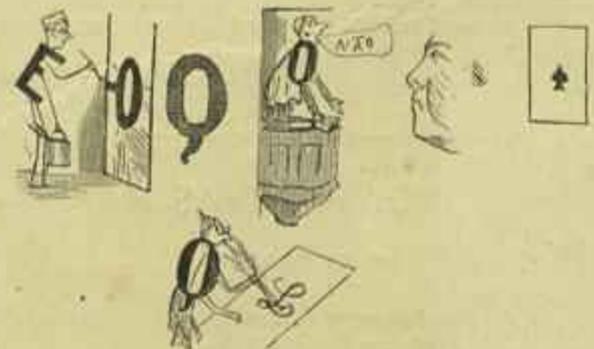
— Está no céu!

— Está no... céu? Então vou procurar o céu.

E ficou, por muito tempo, debruçado sobre o mappa, a procurar onde ficaria o céu para ver o seu papá, até que deixou pender a sua loira cabecinha sobre o livro, e adormeceu.

ALBERTO BRAGA.

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Para vencer a fortuna.

Não ha lagrimas nem mãos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6